



MEMÓRIA ESCOTEIRA

ORGÃO INFORMATIVO DO CENTRO CULTURAL DO MOVIMENTO ESCOTEIRO

ANO II - Nº 8 -

RIO DE JANEIRO

JANEIRO/FEVEREIRO 95

EDUCAÇÃO REAL



ANO I

MAIO 1938

Nº 1

"VIDA ESCOTEIRA"

O aparecimento da VIDA ESCOTEIRA vem satisfazer uma das maiores aspirações do Movimento Escoteiro no Brasil, que até o presente se recusa da falta de órgãos próprios de publicidade.

Informando e doutrinando, o livro, a revista e o jornal diário são, com efeito, elementos indispensáveis à vida e ao desenvolvimento de qualquer organização cuja ação exija a difusão de idéias e a propaganda de doutrinas.

A preleção e a conferência são, em verdade, meios insuficientes, tanto para os objetivos de propaganda, como para os de instrução e desenvolvimento dos que venham a se interessar pelas idéias e pelos sistemas difundidos pela propaganda.

A leitura se impõe como elemento indispensável que melhor se ajusta às exigências das meditações sistemáticas, que a doutrinação só imperfeitamente permite. Por outro lado, a vida e o desenvolvimento das organizações, como o Movimento Escoteiro, exigem um permanente serviço de informações que somente a publicidade, por intermédio de revistas e jornais diários, pode realizar com eficiência e sem as falhas e dificuldades que ainda oferecem os meios diretos de correspondência postal, telefônica, telegráfica e, mesmo, pelas radio-comunicações.

O Movimento Escoteiro carece pois, da imprensa e não pode prescindir de órgãos próprios de publicidade, necessidade indeclinável que a VIDA ESCOTEIRA vem satisfazer.

A imprensa escoteira, como órgão de um movimento de educação, não pode deixar de ser orientada pelo seu objetivo superior de difusão e propaganda de doutrina eminentemente construtiva.

Procurando informar, instruir e esclarecer para o bem comum, a sua preocupação máxima deve consistir em congregar todos os homens de boa vontade numa ação harmônica, inspirada na elevação dos ideais e dos sentimentos.

Embora inflexível na defesa dos princípios, a imprensa escoteira não pode deixar de ser conciliante, como quem busca, acima de tudo, o entendimento e não a desinteligência entre os homens.

Em suas colunas nunca haverá lugar para a expansão de ódios e ressentimentos nem, tão pouco, para a manifestação de sentimentos menos nobres ou de interesses subalternos. Entre os seus trabalhadores não poderão se contar os céticos e os demolidores. O seu escopo é construir e não destruir.

Ignacio M. Azevedo do Amaral

Presidente da "União dos Escoteiros do Brasil"

Ignácio Manoel Azevedo do Amaral, que assina esse número da Vida Escoteira, foi figura ilustre de renome internacional, no campo da Matemática e da Física e considerado no País de Gales como o discípulo de Newton na Terra. Foi cateadrático da Escola Naval e da Escola Politécnica e, mais tarde, Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Chefiou a Delegação Brasileira ao Jamboree Mundial da Inglaterra, em 1929.

Editorial

O Escotismo, é, essencialmente, um método educacional e forma de vida. Certamente, o Movimento Escoteiro se soma aos esforços da família, da Igreja e do Estado para a formação do caráter do jovem, configurando-se, assim, a EDUCAÇÃO REAL.

Pág. 2

História do Escotismo Brasileiro

Continuamos apresentando uma sùmula da História do Escotismo Brasileiro. Para elaboração deste relato nos valem de um trabalho escrito em 1952, pelo Chefe do Mar, General Bonifácio Antônio Borba com o título: "Contribuição para a história da União dos Escoteiros do Brasil. Período 1930 - 1940".

Pág. 3

Affonso Pena Júnior

Exemplo de amor ao Escotismo e, principalmente, de grandeza moral.

Pág. 4

O Tapir de Prata

O Tapir de Prata é a condecoração de mais alto grau de Mérito Escoteiro e só poderá ser concedida a chefes escoteiros possuidores da "Medalha Tiradentes" a mais de cinco anos e que tenham prestado grandes e relevantes serviços ao Movimento Escoteiro.

Pág. 4

**SEMPRE A
MELHOR SOLUÇÃO.**



EMBRATEL

EDITORIAL

EDUCAÇÃO REAL

É uma boa nova para o Brasil o fato recente de se haver dado ao Ensino a importância que lhe é devida. E, o que também é relevante, conclamou-se a Comunidade para participar do esforço do Governo de tornar possível o acesso às salas de aula a todos os jovens em idade escolar. Completar o primeiro nível de ensino é obrigatório para os que completam sete anos de idade, o que, longe de ser tomado como um privilégio, deve ser tomado como responsabilidade. Ensinar, valorizando o que se aprendeu, em benefício dos outros, é um grave dever de todo brasileiro, e é um elemento decisório ao esforço global de desenvolvimento.

Ensino é uma parte de educação - não é toda a educação. Seu campo por excelência é a Escola; A educação consiste, essencialmente, na formação do Homem de Caráter! É um processo vital, para o qual concorrem forças naturais e espirituais conjugadas pela ação consistente do educador e pela vontade livre do educando. É atividade criadora, que visa a levar o ser humano a realizar as suas potencialidades físicas, morais e espirituais. É processo contínuo que começa nas origens do ser humano e se estende até a morte.

Apresenta, no entanto, uma fase intensiva e sistemática, visando de modo especial, à infância, à adolescência e à juventude como esforço para transmissão do patrimônio cultural da humanidade às novas gerações. Para essa transmissão cooperam a família, a Igreja e o Estado dentro das suas atribuições e direitos. Cada indivíduo tem o direito de ser educado de acordo com a filosofia da vida da família a que pertence, pois essa tem prioridade relativamente à educação da prole, por ser a instituição familiar anterior à da sociedade civil e à do Estado. Como, porém, a família não dispõe em si mesma, de todos os meios indispensáveis à efetivação do seu direito de educar, ela delega poderes para esse fim à Escola através de uma escolha consciente que assegure o ensino que julga adequado aos seus filhos. E o Estado tem que proporcionar condições para que os filhos recebam o gênero de educação livremente escolhida pelos pais.

A aceleração do ritmo da vida e o vertiginoso progresso material verificados nas últimas décadas, contribuíram para dificultar ao jovem a sua passagem pelas fases difíceis da infância e adolescência. Acresce ainda, o

avassalador assédio de informações que chegam através das diversas versões da mídia, quase nunca ajustadas à fase de formação do seu caráter. Aumentam, assim, as dificuldades tanto para os pais como para os mestres nas suas tarefas precípuas de educadores. Os valores já sedimentados ao longo da construção do mundo civilizado são a toda hora contestados, e os jovens são insistentemente solicitados a experimentarem os descaminhos dos tóxicos, da corrupção, do desleixo que os levam à perda do auto-respeito.

Nessas circunstâncias atuais, favoráveis a se pensar no problema nacional da educação dos jovens, o CENTRO CULTURAL DO MOVIMENTO ESCOTEIRO renova o seu apelo para que pais e responsáveis atentem para a conveniência de se beneficiarem de mais um componente de Educação Complementar que está a sua disposição: O ESCOTISMO, que é, essencialmente, um método educacional e forma de vida. Certamente, O MOVIMENTO ESCOTEIRO se soma aos esforços da família, da Igreja e do Estado para a formação do caráter do jovem, configurando-se, assim, a EDUCAÇÃO REAL!

EXPEDIENTE

MEMÓRIA ESCOTEIRA

é um informativo bimestral do CCME

DIRETORIA NACIONAL

Diretor Presidente

Carlos Borba

Diretor Vice-Presidente

Roberto Ricardo Pereira de Souza

Diretor de Pesquisa e Acervo

Maurício Moutinho da Silva

Diretor Administrativo

Antônio Boulanger Uchoa Ribeiro

Diretor Financeiro

Esio de Figueiredo Macedo

Diretor Administrativo Adjunto

Alan Nacelli

Diretor Financeiro Adjunto

Marcos Augusto de Castro Silva

COMISSÃO FISCAL

Presidente: Valbert Lisieux Medeiros de Figueiredo

Vogal: Jarbas Pinto Ribeiro

Vogal: Cidália Rodrigues Namora Magdalena

Suplente: Maria Pérola Sodré

Suplente: Guilherme Reichward

CENTRO CULTURAL DO MOVIMENTO ESCOTEIRO - CCME

Sede Provisória: Prédio situado na área do 1º

Distrito Naval - Caixa Postal 4105 / CEP 20001-970

- TeleFAX: 233-9338

Horário da Secretaria: 2ª a 6ª das 13h às 19h

No número anterior foi abordado o período de 1930 a 1935, marcado por grandes dificuldades para a UEB. Para a elaboração daquele relato, nos valem de um trabalho escrito, em 1952, pelo Chefe do Mar, General Bonifácio Antônio Borba com o título: "Contribuição para a história da União dos Escoteiros do Brasil. Período 1930 - 1940". O registro anterior terminou com o relato da saída abrupta da Diretoria da UEB da sua sala localizada na sede da Federação Brasileira dos Escoteiros do Mar. A mudança foi para o porão do Silogeu Brasileiro, onde funcionava a Liga de Defesa Nacional. Prossegue o relato do Chefe Bonifácio Borba com o seguinte teor:

"Aí a UEB realizou poucas reuniões da Diretoria. O Chefe Amaral, desgostoso, demite-se da presidência da UEB, atitude que teve o nosso apoio e solidariedade: também nos demitimos, ou melhor, abandonamos a direção, porque não tínhamos a quem nos dirigir! A nossa UEB estava acéfala, o Chefe Amaral e eu lutamos para reunir o Conselho Diretor inutilmente. O Chefe Amaral afasta-se definitivamente da UEB, e pede-me para tentar algo para salvá-la.

Noviço no Movimento, prometi ao eminente Chefe, apesar de negar-me a assumir a presidência, solidário com ele, tentar tudo para salvar a UEB. Não mais podíamos nos reunir na Liga de Defesa Nacional; o Chefe Azambuja gravemente enfermo, a própria Liga em crise, não sabíamos como levar a cabo a nossa promessa. O Chefe Conegundes Moreira, consegue permissão para reunirmo-nos em uma pequena sala, na rua Sete de Setembro, sede de um Sindicato de Professores, tão pobres como a UEB. Mais uma vez uma sede provisória, e por favor. Lá fizemos, com alguns membros da Diretoria, umas poucas reuniões, lavramos atas, a fim de mostrar que a UEB ainda existia, a conselho do Chefe Rufino.

Um dia recebemos do Chefe Dr. Affonso Pena Júnior, por intermédio do Chefe Evaristo Bianchini, a quantia de Cr\$ 20.000,00 e uma carta". Ver na página 4, matéria com o título: AFFONSO PENA JÚNIOR - EXEMPLO DE AMOR AO ESCOTISMO E, PRINCIPALMENTE,

História do Escotismo Brasileiro

DE GRANDEZA MORAL, onde se encontra a explicação para o origem daquela quantia. E prossegue mais adiante o relato:

"Recebida esta quantia, alugamos uma pequena sala no 5º andar, no antigo edifício "O Jornal do Commercio" por Cr\$ 500,00 mensais. Uma mesa, algumas cadeiras, um armário, e nada mais cabia na sala! Mas a UEB voltava a ter uma sede, e continuava a existir! Na porta, pomposamente, uma placa: *Sede da UEB*

Isso aconteceu em 1936, com reuniões regulares, mas de poucos membros da UEB. No decorrer do ano, não posso precisar a data, novo golpe na pobre UEB e desta feita, quase mortal. Convocamos, com grande trabalho, uma reunião da Diretoria da UEB, pois já tínhamos sede, para tentarmos regularizar a direção e a situação do órgão máximo, pelo menos no nome, do Escotismo no Brasil. O Presidente demitira-se; eu, Vice-Presidente também demitido, mas tendo prometido ao Chefe Amaral lutar pela normalização da UEB, compareci à reunião, e mais os Chefes, Comissário Administrativo David de Barros; Comissário Técnico Nacional Benjamin Sodré; Comissário de Lobinhos Olinto Botelho; Comissário de Pioneiros Mário França; Comissário de Propaganda e Publicidade Conegundes Moreira. Reunidos os citados membros da Diretoria, informei o fim da reunião - "Regularizar a direção da UEB, e fixar, com o que ainda existia de Escotismo Nacional, as eleições". Esclareci que estava na reunião como Comissário Internacional e, solidário com o Chefe Amaral, não presidiria a reunião e que, estando vagas a Presidência e a Vice-Presidência, por

analogia com as outras entidades, o Comissário Administrativo assumiria a Presidência, no caso o Chefe David de Barros.

Com enorme surpresa de todos, o Chefe Sodré afirma que não admitiria, nem aceitaria que um estrangeiro presidisse a UEB. Indaguei do Chefe Sodré por que razão aceitava o chefe David, português naturalizado, para Secretário, com todos os ônus, e em uma emergência, não o aceitava para a Presidência, pois ele tinha sido eleito, sem protesto, com os outros membros da Diretoria. Estarrecidos ficamos quando, em vez

de uma resposta retrucou-me ele que se retiraria da reunião, mas não admitia, mesmo esporadicamente, na Presidência, um estrangeiro. Pedi-lhe que, nesse caso, pedisse demissão do cargo, o que ele recusou. Resolvi, então, dissolver a reunião e assumir, ditatorialmente, a direção geral da UEB, cargo que exerci até outubro de 1939 com o apoio de todas as Federações de Escoteiros de Terra e, tacitamente, pois não houve, nesses quatro anos, um protesto ou reclamação da FBEM contra esse estado de coisas. Esta Federação, encastelada em sua sede, isolou-se do Movimento geral, e não tomava conhecimento da existência da UEB, mas comparecia às reuniões externas, como aconteceu no dia 4 de novembro de 1936, quando comemoramos os 12 anos de UEB entregando, pessoalmente, no Palácio das Laranjeiras, ao Presidente Vargas, o Tapir de Prata. (Nota da Redação baseada em pesquisa da Diretoria de Estudos, Pesquisas e Acervo: - houve engano do autor pois, na realidade, o Chefe Bonifácio Borba fez ao Presidente Vargas, a entrega do diploma de Presidente de Honra da UEB. Porém é correta a afirmação que fez, ao final do seu trabalho, de que o Tapir de Prata só existia no papel.) Prosseguindo: "Relato tais atos para explicar, pela primeira vez, porque dirigimos a UEB quase quatro anos, sem eleições. Mas, afirmo, as circunstâncias indicavam que alguém deveria assumir uma atitude em defesa da sobrevivência da UEB em tão grave emergência; não titubiei em assumir a responsabilidade; creio eu, talvez, salvei a unidade do Escotismo no Brasil, pelo menos a unidade direcional."

AFFONSO PENA JÚNIOR - EXEMPLO DE AMOR AO ESCOTISMO E, PRINCIPALMENTE, DE GRANDEZA MORAL

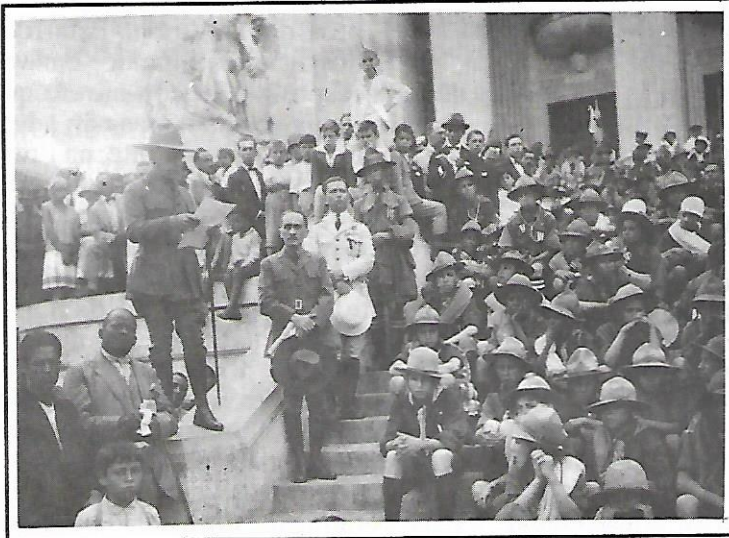
Na matéria da p. 3 - *História do Escotismo Brasileiro*, é mencionado o recebimento, pela UEB, da importância de Cr\$ 20.000,00 doada pelo chefe Affonso Pena Júnior. O Chefe Bonifácio Borba dá a seguinte explicação para o fato: - "Apesar de alongar um pouco mais este resumo histórico do decênio de 1930-1940, não podemos e não devemos deixar de relatar a origem deste dinheiro, a fim de apontar o Chefe Affonso Pena aos Escoteiros, como grandeza moral, honradez, escrúpulo, dignidade e amor ao Escotismo. Não possuo a carta do

Dr. Affonso Pena mas, de memória, reproduzo só seus termos, não com as mesmas palavras, mas verdadeiro o sentido:

"Entrego à UEB, para que fique documentado o destino que dei aos Cr\$ 40.000,00 que recebi do Governo de Minas Gerais, como comissão de um empréstimo realizado, no Banco do Brasil, pelo referido Governo. A UEB e a Federação das Bandeirantes do Brasil receberão, cada uma, Cr\$ 20.000,00 porque são instituições a que dedico a maior estima pois cuidam da educação e preparo da mocidade

da nossa Pátria. Em sã consciência, não posso receber esta importância porque, fazendo parte do corpo jurídico do Banco, dei, por dever de ofício, parecer sobre o empréstimo. Sendo Procurador do Estado, não posso receber a comissão, que recusei, mas o Governo de Minas Gerais, por imperativo de Lei, obrigou-me a receber. Impossibilitado de recusá-lo, entrego, nesta data, em partes iguais, às instituições acima referidas. Foram mais ou menos os termos da carta, só não tenho certeza se o termo é - comissão -".

O TAPIR DE PRATA



O Presidente da UEB Affonso Pena Júnior dirigindo a palavra aos Escoteiros na escadaria do Palácio Tiradentes, então Câmara dos Deputados, na cidade do Rio de Janeiro. À sua esquerda, também trajando o uniforme escoteiro, o Dr. Mozart Lago que veio posteriormente presidir a UEB, e o Chefe Gelmirez de Melo representando a Federação Brasileira dos Escoteiros do Mar. Sobre a personalidade de Affonso Pena Júnior assim se pronunciou Austrágésilo de Athaide, Presidente da Academia Brasileira de Letras:

"Lembro-me muito dos tempos em que devotavas parte de tuas preocupações afeitas à Presidência da UEB, vestindo sem respeito humano o uniforme da grei, no santo empenho de educar as novas gerações para elevá-las moralmente, de prepará-las para a coletividade, eficiente e veraz, equânime e desprendida".

Todos os países membros da Fraternidade Mundial Escoteira têm mantido condecorações como forma de dignificar, agradecer e honrar aqueles que tenham dado contribuições significativas ao Movimento Escoteiro. Usualmente, as condecorações são divididas em três classes: mérito, serviços e valor, sendo as mais altas concedidas por um critério misto de mérito e serviços.

Uma tradição comum a vários países é a das mais altas condecorações escoteiras serem usadas no pescoço, a fim de destacarem-se das demais. Nomeadas e figuradas como animais típicos de cada país, os nomes se sucedem: Águia, Condor, Lobo de Prata, etc...

No Brasil, após muitas discussões, foi criada já nos primórdios da UEB (em 1924) a famosa figura do Tapir de Prata. No entanto, apenas na gestão do General Bonifácio Antônio Borba (1936-1939) a presidência da UEB é que ela começou a ser concedida e entregue.

Após algumas reformas, em 1952 chegou-se à definição, essencialmente a mesma até hoje, com a seguinte redação:

O Tapir de Prata é a condecoração de mais alto grau de mérito Escoteiro e só poderá ser concedida a Chefes Escoteiros possuidores da "Medalha Tiradentes" há mais de cinco e que tenham prestado grandes e relevantes serviços ao Movimento Escoteiro. Excepcionalmente poderá ser concedida a grandes e relevantes personalidades escoteiras mundiais.

A primeira deliberação a respeito data da reunião do então conselho Diretor da UEB, em 14 de agosto de 1936. Nesta reunião, o chefe David Mesquita de Barros, à época secretário geral da Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra, ponderou que já tendo sido aprovado o regulamento técnico da UEB, seria oportuno iniciar os estudos para concedê-la. De fato, na reunião de 2 de outubro seguinte, depois das justificativas constantes do estudo sobre os que já se haviam tornado pioneiros do Movimento Escoteiro no país, aprovou-se a concessão para as primeiras nove pessoas, assim como a entrega (para a maioria delas), realizada em cerimônia adequada no Campo do Ruscel, em 20 de dezembro do mesmo ano, na cidade do Rio de Janeiro.

A concessão de número um, como não podia deixar de ser, foi feita ao fundador do Movimento Escoteiro, sendo remetida para Londres através da embaixada britânica no Brasil (e recebida em abril de 1939) e daquele país reenviada para Baden Powell à época já residindo no Quênia. Porém, certamente comunicação foi feita no momento da outorga, visto que a revista *Jamboree*, em 1937, já noticiava a concessão. Não foram encontradas explicações para a demora na entrega.

A Concessão número 2 foi feita ao Sir Huber S. Martin, Comissário Internacional da "Boy Scouts Association" de Londres e diretor do Bureau Mundial até 1939. Seguiram-se Mário Sérgio Cardim, fundador da ABE em 1914; Benevenuto Cellini dos Santos (homenagem póstuma), com longos serviços e criador do hino escoteiro "Rataplan do Arrebol" (Hino Alerta); Jerônima Mesquita, fundadora do Bandeirantismo em 1919; Guilherme Azambuja Neves, concedido *post mortem* e do qual pouca informações chegaram até hoje; Affonso Penna Júnior, primeiro presidente da UEB quando Ministro da Justiça, tendo atuado no cargo, inclusive, vestindo o uniforme escoteiro; Gabriel Skinner, fundador da Associação Espírito Santense de Escotismo e incentivador do Escotismo Escolar no Distrito Federal; e, Benjamin Sodré, considerado o escoteiro número um do Brasil e o mais expressivo difusor do Escotismo, por intermédio do seu livro "O Guia do Escoteiro" e da seção técnica que manteve na revista infantil "O Tico Tico", assinando sob o pseudônimo de Velho Lobo.

Através dos anos, várias modificações foram introduzidas na regra da concessão do Tapir de Prata. Inicialmente os membros da "Ordem do Tapir de Prata" tinham por dever *velar pela intangibilidade da doutrina escoteira* (1934), recebendo mais tarde a incumbência de *assumir a direção geral da União dos Escoteiros do Brasil, quando por qualquer motivo esteja ameaçada sua continuidade, além de dar parecer em todas as propostas de concessões dessa honraria* (Assembleia Nacional, 1945), e para tanto tinham assento nos conselhos da UEB. Nas revisões posteriores, a ordem foi extinta, restando apenas a condecoração, como a conhecemos hoje.

Apesar de tanto, ainda hoje, pela sua raridade de concessão e pelo exemplo excepcional de vida escoteira demonstrada pelos seus possuidores, é o Tapir de Prata não apenas a mais alta condecoração dos Escoteiros Brasileiros, mas também a lembrança dos altos serviços prestados ao próximo e à juventude; serviços esses, que sem dúvida, são decorrentes dos mais nobres espíritos. No próximo número será publicada a relação dos agraciados com o Tapir de Prata.